

EDITORIAL

Vivemos tempos estranhos. Produzir conhecimento científico no Brasil, de modo democrático e com ampla contribuição, nunca foi tarefa fácil. Em Ciências Humanas mais ainda. Os poucos recursos destinados à ciência, os poucos espaços de formação, a muito baixa existência de meios de divulgação, sempre foram companheiros de primeira hora para aqueles que se aventuravam nesta empreitada.

Todavia, é possível afirmar, também, que nunca presenciamos um cenário como o atual. A academia é acusada diuturnamente de não passar de um “antro” de formação ideológica equivocada. As produções acadêmicas são tratadas como desperdício de recursos públicos. Pesquisadores são expostos e se tornam alvos de linchamento nas redes sociais. Os dados apresentados, após longo tempo de trabalho, são desconsiderados na formulação de políticas públicas. Tudo isto aliado aos problemas já citados anteriormente, que nunca nos abandonaram.

As redes sociais se tornaram o espaço de manifestações dos pseudo entendidos de todos os assuntos. De repente, todos se tornaram especialistas nos mais variados assuntos. Inclusive na avaliação da produção acadêmica. Anos de construção de protocolos de avaliação pelos pares foram literalmente jogados na lata do lixo. Tudo em nome de uma suposta reconstrução nacional, a qual não guarda em si nenhum princípio racional que se preze.

Não obstante esse cenário ainda mais desfavorável, não devemos encará-lo como obstáculo suficiente para nos desmotivar. Muito pelo contrário. Já encaramos outras tormentas e sobrevivemos. Devemos manter nossa crença na ciência, na racionalidade, na busca constante por respostas para os dilemas sociais a nossa volta. Devemos nos manter como um

farol a iluminar o mar revolto em noites sombrias. E, mais do que nunca, devemos realizar a nossa autocrítica com mais afinco. Precisamos continuar a nos fazer ouvir. O sucesso desta empreitada continua dependendo da nossa capacidade de nos colocar à disposição do crivo alheio, mas um crivo competente.

Baseado nestes fundamentos é que apresentamos mais um número da Revista EDaPECI. Nosso projeto sempre foi dispor de um mecanismo de divulgação do conhecimento científico que respeite a diversidade e a ampla participação nas discussões referentes ao campo educacional brasileiro. Este é um terreno que nos apresenta ainda imensos problemas a serem superados. Acreditamos que apenas a reflexão consubstanciada pode oferecer alternativas para vencer esta batalha.

Este número da Revista EDaPECI é mais uma mostra da manutenção deste espaço de divulgação da produção acadêmica sobre educação, numa perspectiva da pluralidade de pensamentos, proposições, investigações e discussões. Nesta oportunidade, os leitores terão acesso a textos que tratam de desenvolvimento de ferramentas para formação continuada de profissionais de Enfermagem, o uso de tecnologias móveis para aprendizagem de conteúdos matemáticos, critérios científicos para implantação de pólos de apoio presencial, histórico da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) em Aracaju, estratégias para produção de videoaulas, formação continuada de servidores públicos por meio da EaD, o debate sobre a diversidade sexual e de gênero na escola; estratégias de internacionalização do Ensino Superior, práticas interativas para o ensino de línguas utilizando ferramentas on-line, seleção e avaliação de materiais didáticos digitais, redes sociais e Educação Profissional.

Como se pode ver, o presente número da EDaPECI apresenta um amplo espectro de contribuições para se entender o fenômeno educacional, nos seus mais variados matizes. Produção séria, cientificamente fundamentada, disposta em rede para o crivo, não apenas da comunidade acadêmica, mas de todos aqueles que estejam dispostos a participar deste tão importante debate. Boa leitura a todos!

Prof. Dr. Fábio Alves dos Santos
Universidade Federal de Sergipe
Editor-Gerente